

PREFACIO

Meu caro Bernardo

Nos tempos em que Voltaire, já depois de *Candide*, mesmo já depois da *Pucelle*, se contentava com cem leitores – tempos que nos devem parecer bem incultos, n'este anno da Graça e de voraz leitura em que o *Petit-Journal* tira oitocentos mil numeros, e *Germinal* é traduzido em sete linguas para que o bemdigam sete povos – esses cem homens que liam e que satisfaziam Voltaire eram tratados pelos escriptores com um cerimonia e uma adulação, que se usavam sómente para com os Principes de

PREFACIO

Sangue e as Favoritas. Em verdade o Leitor d'então, «o amigo Leitor», pertencia sempre aos altos corpos do Estado: o alfabeto ainda se não tinha democratisado: quasi apenas sabiam lêr as Academias, alguns da Nobreza, os Parlamentos, e Frederico rei da Prussia: e naturalmente o homem de letras, mesmo quando não fosse um poeta parasita do melancolico typo de Nicolau Tolentino, ao entrar em relações com esse Leitor de grandes maneiras, emplumado, vestido talvez d'arminho, empregava todas as fórmãs e todas as graças do respeito, e punha sempre, genuinos ou fingidos, os punhos de rendas do mr. de Buffon.

Mas esta cortezia em que havia emoção provinha sobretudo de que o Escriptor, ha cem annos, dirigia-se particularmente a uma pessoa de saber e de gosto, amiga da Eloquencia e da

PREFACIO

Tragedia, que occupava os seus ocios luxuosos a lêr, e que se chamava «o Leitor»: e hoje dirige-se esparsamente a uma multidão azafamada e tosca que se chama «o Publico».

Esta expressão, «a Leitura», ha cem annos, suggeria logo a imagem d'uma livraria silenciosa, com bustos de Platão e de Seneca, uma ampla poltrona almofadada, uma janella aberta sobre os aromas d'um jardim: e n'este retiro austero de paz estudiosa, um homem fino, erudito, saboreando linha a linha *o seu livro*, n'um recolhimento quasi amoroso. A idéa de leitura, hoje, lembra apenas uma turba folheando paginas á pressa no rumor d'uma praça.

Ora quando este Leitor, douto, agudo, amavel, bem empoadado, intimo das edades classicas, recebia o Escriptor na sua solidão lettrada – o

PREFACIO

Escriptor necessitava apresentar-se com reverencia, e *modestement courbé*, como recommenda Beaumarchais. É um homem culto, que vae a casa d'outro homem culto – e esse encontro está regulado por uma etiqueta tradicional e graciosa.

Nem o philosopho que vem submettre um systema, nem o poeta laureado no «Mercurio Galante» que traz a sua óde, nem Chenier com as suas tragedias, nem Massillon com os seus sermões, nem os rigidos, nem os ligeiros, nenhum por mais illustre irrompia bruscamente na attenção do Leitor, sem espera e sem mesura, como se entra n'um pateo publico. Tinha d'haver uma apresentação condigna, solemne, copiosa; e isso passava-se n'esse pedaço de prosa em typo largo, com citações latinas, que se chamava o *Prefacio*.

PREFACIO

Ahi o author *modestement courbé*, deante do Leitor acolhedor e risonho, fallava com prolixidade de si, das suas intenções, da sua obra, da sua saude; dizia-lhe doçuras, chamava-lhe *pio, perspicaz, benevolo*: justificava os seus methodos, citava as suas authoridades: se era novo, mostrava córando a sua inexperiencia em botão: se era velho, despedia-se do Leitor á maneira de Boileau, n'uma pompa triste, como na borda d'um tumulo. Trocadas estas corteziias não se entrava logo seccamente nas idéas ou nos factos: se o livro era de versos, o Poeta, tendo o Leitor ao seu lado, balançava o incensador e fazia uma invocação aos Deuses como nos degraus d'um sanctuario; se era Tratado de Moral ou Historia, havia no limiar do capitolo I, para que os Escriptor e Leitor repousassem, um portico de Considerações Geraes, dispostas com symetria á

PREFACIO

maneira de columnas de puro marmore, onde se enrolavam em festões, flores de lingoagem, viçosas ou meio-murchas. Depois o Author ia levando o Leitor pela mão atravez da sua obra como atravez d'um jardim que se mostra, percorrendo com gosto as aleas mais enfeitadas d'erudição, parando por vezes a conversar docemente á sombra d'um pensamento frondoso. Assim se formava entre ambos uma enternecida intimidade espiritual. O Leitor possuia no homem de letras um companheiro de solidão, d'um encanto sempre renovado. O Author encontrava no Leitor uma attenção demorada, fiel, crente: como Philosopho tinha n'elle um discipulo, como Poeta um confidente.

Depois, n'uma manhã de julho, tomou-se a Bastilha. Tudo se revolveu: e mil novidades

PREFACIO

violentas surgiram, alterando a configuração moral da Terra. Veio a Democracia: fez-se a iluminação a gaz: assomou a instrucção gratuita e obrigatoria: installaram-se as machinas Marinoni que imprimem cem mil journaes por hora: vieram os Clubs, o Romantismo, a Politica, a Liberdade, e a Phototypia. Tudo se começou a fazer por meio de vapor e de rodas dentadas – e para as grandes massas. Essa cousa tão maravilhosa, d’um mecanismo tão delicado, chamada o *individuo* desapareceu; e começaram a mover-se as multidões, governadas por um instincto, por um interesse ou por um enthusiamo. Foi então que se sumiu o Leitor, o antigo Leitor discipulo e confidente, sentado longe dos ruidos incultos sob o claro busto de Minerva, o Leitor amigo, com quem se conversava deliciosamente em longos, loquazes

PREFACIO

Proemios: e em logar d' elle o homem de lettras vio deante de si a turba que se chama o *Publico*, que lê alto e á pressa no rumor das ruas.

As maneiras do Escriptor para com estes cem mil cidadãos que estendiam tumultuosamente a mão para o livro – não podiam ser selectas e polidas, como as que tinha para com o Leitor classico que lhe abria, sorrindo e já attento, a porta da sua intimidade erudita. Para descer á praça do Publico não eram necessarios os punhos de renda de mr. de Buffon, como para penetrar na livraria do Leitor amigo – onde o Escriptor ia encontrar Cicero e Aristoteles vestidos de marroquim e ouro.

Immediatamente deixou d'haver essa amavel e conversadora apresentação que se chamava o *Proemio*: nunca mais o homem de lettras desfiou ao Leitor os seus motivos para discorrer ou cantar,

PREFACIO

pedindo-lhe com humildade um logar na estante. Agora, finda a obra, o Escriptor, ainda suado e com o jaquetão de trabalho, atira-a para a rua brutalmente. A obra já não é a sabia composição, feita pelos dictames das Artes Poeticas, para ser agasalhada e encadernada por Mecenas. Idéa ou Imagem deve ser cousa viva – e como tal se arremessa ao remoinho da Vida, para ir rolar com ella, sob o pleno sol.

Assim se tornou inutil a caricia aduladora com que no antigo Regimen se attrahia, se prendia o Leitor. Já não se conversa intimamente com elle, caminhando ao seu lado, atravez de paginas galantes ou solemnes. O historiador, o romancista, que hoje interrompesse o correr das suas deducções, para dar um geito aos punhos com rendas e dizer: «Nota tu, leitor amigo...», seria

PREFACIO

considerado um intoleravel caturra das idades caducas. O Leitor deixou de ser uma pessoa a quem se falla isoladamente e com o tricornio na mão: e o Escriptor tornou-se tão impessoal como elle. Não são individualidades cultas communicando; são duas substancias diffusas que se penetram, como a luz quando atravessa o ar.

Todavia ainda hoje ha Escriptores que, seduzidos pela graça nobre das maneiras classicas, quando procuram o Publico com um livro amorosamente trabalhado, querem por n'esse encontro as fórmãs apparatusas da etiqueta d'outr'ora. São aquelles sobretudo, que, escrevendo delicadamente e para delicados, contam apenas com o Leitor dos velhos tempos – que já não usa decerto espadim, nem cita finamente Horacio sacudindo o rapé dos bofes de rendas, mas

PREFACIO

possue todas as finuras novas do novo gosto, e agasalha e encaderna os Estylistas, os Parnasianos, os Femininos, os Coppée, os Daudet, os Verlaine, com o carinho religioso com que os Mecenas da epocha de Boileau encadernavam e reliam Tacito e Catullo.

Tu és d'esses: a grossa turba assusta-te um pouco, com a sua desatenção ruidosa: e confias sobretudo n'esse Leitor perfeito, amador raro das lindas flores modernas de Phantasia e de Estylo. Mas sabes como elle ama as praxes graciosas que ennobreciam a vida antes da tomada da Bastilha: e nem por um logar no Ceu, entre S.to Hilario e S.to Hilarião, tu o querias offender, irrompendo bruscamente e democraticamente na sua atenção preciosa. Por isso desejas levar ao teu lado alguém, já mais familiar com elle, que lhe diga, seguindo as

PREFACIO

boas tradiçõs dos saudosos Proemios, *modestement courbé* – «Leitor pio, benevolo e amigo, aqui te apresento...». E sou eu que tu escolhes para esta gentil cerimonia, perfumada d'archaismo, entre os teus amigos «simples fazedores livros», como dizia altivamente o velho Carlyle.

Eu aqui estou, amigo. Mas receio que te succeda como áquelle Cavalleiro de Ballada, de que eu li a historia n'um velho in-folio hespanhol, onde ella apparecia, conceituosa e florida, para illustrar *los peligros de las malas compañías*. Este moço heroico e candido resolvera por um d'esses motivos de crença, de guerra ou d'amor, que eram os unicos que então dirigiam as acções humanas, ir offertar a sua grande espada a uma Nossa Senhora, cuja clara ermidinha n'um pendor de serra, entre

PREFACIO

murmoso arvoredos, era como uma fonte espiritual d'onde perennemente corriam os misericordiosos milagres.

Tinha este poetico moço um amigo, que, n'esses ardentes tempos de Santa Thereza, de S. João da Cruz e *de la Caballeria a lo divino*, era secretamente, sob a sua cota de malha, um atheo – como se ja lêsse todas as noites no seu alcaçar, á luz radical do petroline, o *Rappel* e o *Intransigent!* Como este incredulo, chapeado de ferro, conhecia bem os trilhos da montanha, quiz o devotissimo cavalleiro que elle o acompanhasse na sua bucolica romagem. E mal suspeitava o ingenuo heroe, que, enquanto elle subia, com um alvoroço piedoso, esses caminhos um pouco ingremes como os da Fé, o seu camarada ia ao lado lamentado amargamente que uma tão bella espada, de golpe

PREFACIO

tão forte, de tão bella linhagem, forjada em Toledo por mestre Francisco Roiz, nata d'espadeiros, ficasse d'ahi por diante a enferrujar-se aos pés d'uma Senhora – que era apenas um tosco pedaço de madeira, com dous olhos de vidro, e um pouco de setim por cima bordado de lantejoulas... E sabes o que succedeu? Que apenas o Cavalleiro, de joelhos e murmurando a *Ave Reyna de Gracia*, collocou junto á Imagem a lamina purissima – a imagem baixou severamente os olhos, e repelliu a espada com o pé justiceiro e doce que ao mesmo tempo esmaga a Serpente e acaricia a Terra. A folha d' aço estreme de mestre Francisco Roiz fez-se em pedaços negros, da côr do tição, que é a côr do Demonio: e sobre a selva, cheia de gorgeios e aromas, espalhou-se uma escuridão – como se a luz que a dourava se tivesse recolhido toda sob as

PREFACIO

pestanas cerradas da Senhora offendida! Ai de mim, porque não escolhera o beato moço, para seu companheiro, algum padre intimo do Ceu, ou um escudeiro lealdoso e bom resador do seu rosario? A Imagem era hespanhola, portanto impressionavel; e vendo o Cavalleiro e a sua espada escoltados por um sceptico, que orgulhosamente pensava que não haveria Santos se não houvessem Santeiros, logo inconsideradamente se regulou pelo adagio que é d’Hespanha e d’outras terras – *Dime con quien irás te dirè lo que pensaràs!*

Esta hitoria, como todas aquellas em que apparecem santos e cavalleiros, encerra profunda lição. E não receias tu, amigo, que, á similhaça d’aquella Senhora hespanhola, os espiritos timidos, para quem escreveste tão

PREFACIO

acariciadoramente os teus *Azulejos*, baixem os olhos e regeitem o livro gracioso, ao ver que o vem acompanhando por estes brejos da publicidade um Infiel, um Renegado do Idealismo, um servente da Rude Verdade, um d'esses illegiveis, de gostos suinos, que tossam gulosamente no lixo social, que se chamam «Naturalistas» e que teem a alcunha de «Realistas?» *Dime con quien irás, hijo mio, te dirè lo que pensaràs.* Não receias que te julguem tambem um «Realista»?

Não temes que o teu livro, flor de Literatura, casta d'aroma e de côr, seja tratado como um d'esses fructos podres que ama o Naturalismo? Fructos medonhos que teem depravado o paladar das multidões, a um ponto que só elles appetecem e só elles se vendem, e já ninguem vae feirar aos

PREFACIO

gigos onde a vermelham os frescos morangos acabados de colher no morangal do Romantismo!

Ah! se a nossa amada Lisboa, velha creada de abbade que se arrebeca á francesa, tivesse já comprehendido o que, n'este anno da Graça de 86, já largamente comprehendeu a aldeia de Carpentras, famosa pela sua caturrice – que o Naturalismo consiste apenas em pintar a tua rua como ella é na *sua* realidade e não como tu a poderias idear na *tua* imaginação – seria honrar o teu livro supeital-o de Naturalismo! Obra naturalista significaria então, para a nossa bondosa Lisboa – obra observada e não sonhada; obra modelada sobre as fórmias da Natureza, não recortada sobre moldes de papel; obra pousada nas eternas bases da Vida, e não n'esse monturo molle, feito de sentimentalismo bolorento e de cascalho

PREFACIO

de rhetorica, que ainda atravanca um canto da Arte, e onde se vê ainda por vezes, brotar uma florsinha triste e melada que pende e que cheira mofo.

Mas como tu sabes, amigo, n'esta Capital do nosso Reino permanece a opinião, cimentada a pedra e cal, entre leigos e entre lettrados, que Naturalismo, ou, como a Capital diz, Realismo – *é grosseria e sujidade!* Não tens tu reparado que quando um jornalista, copiando no seu jornal com penna habil a Parte de Policia, que *é o roast-beef* da Imprensa, menciona um bruto que proferio palavras immundas, nunca deixa de lhe chamar com uma ironia cujo brilho raro o enche de justo orgulho – *discipulo de Zola?* Não tens notado que nos Periodicos, quando se quer definir uma maneira especial de ser torpe, se emprega esta expressão consagrada – *á Zolá?* Não tens tu visto

PREFACIO

que, ao descrever um caso sordido ou bestial, o homem de Gazeta acrescenta sempre, com desdem grandioso: «para contar bem como tudo se passou precisavamos saber manejar a penna de Zola?». Assim é, assim é. Estranha maravilha da Asneira! O nome do épico genial de *Germinal* e da *Oeuvre* serve para symbolisar tudo que, em actos e palavras, é grosseiro e immundo! Isto passa-se numa terra que na geographia politica é uma Capital e se chama Lisboa – mas que, na ordem do pensamento e do saber, é um logarejo sem nome!

Meu Deus, sejamos justos! Tambem em França, em Inglaterra, ha quinze annos, houve a mesma opinião sobre o Naturalismo: tambem gritaram *grosseria*, *sujidade*, os nescios e os malignos, ao apparecerem essa vivas, rijas, fecundas, resplandecentes creações do *Assommoir*

PREFACIO

e de *Nana*. Sómente em França, em Inglaterra, bem depressa os nescios comprehenderam (como já muito bem tinham comprehendido os malignos) que se não tratava d'uma literatura expressamente libertina, filha de Boccacio, de Brantôme e de Piron, especulando com o vicio e fazendo dinheiro com elle – como parallelamente o snr. Ulbach e outros pudicos peores procuram judiciosamente accumular pecunia, fabricando correctos quadros de virtude para uso dos Collegios de meninas: mas que se estava em presença d'uma larga e poderosa Arte, fazendo um profundo e subtil inquerito a toda a Sociedade e a toda a Vida contemporanea, pintando-lhe cruamente e sinceramente o feio e o mau, e não podendo, na sua santa missão de verdade, occultar detalhe nenhum por mais torpe, como, na sua scientifica necessidade de exactidão,

PREFACIO

um livro de Physiologia não póde omitir o estudo de nenhuma função e de nenhum órgão. Ora esta nobre Arte não julga dever mutilar a Realidade ou falseal-a, compromettendo assim o seu grandioso fim moral, só porque poderia fazer córar as meninas – as meninas que, segundo nos revelou ultimamente o castissimo e idealissimo Feuillet, conhecedor perfeito dos costumes da Virgindade, quando estão juntas, todas de branco, n’um canto de sala, teem conversas *qui feraient rougir un singe*, que fariam córar um macaco! E em verdade vos digo, oh meus concidadãos, o macaco é desde Plinio considerado como a mais impudente e mais obscena das creaturas que sahiram das mãos inexgotaveis do Senhor!

Mas a nossa terra, amigo, nunca assim o comprehenderá. Para ella Naturalismo é cousa suja

PREFACIO

– e cousa suja ficará. Desde que nós, portuguezes, laboriosamente conseguimos arranjar uma idéa dentro do craneo – a nossa preguiça intellectual, o nosso desleixo, este fundo de desdenhosa indiferença que todos os meridionaes teem pelas idéas e pelas mulheres, impede-nos de lhe mexer, de a tirar do seu canto, onde ella fica ganhando bolor em tranquillidade e para sempre. Em Litteratura, em Costumes, em Politica e no Fabrico do chinello de ourello, nós estamos vivendo e estamos morrendo d'este obtuso, viscoso afferro ao vago das primeiras impressões. Seria inutil ir explicar, em berros, por uma tuba de bronze, aos ouvidos da nossa suave Lisboa, acocorada á beira do Tejo a vêr correr a agoa – o que significa Naturalismo. Depois de estoirmos o peito a bramar-lhe que elle não se filia no Marquez de

PREFACIO

Sade, que não é *grosseria, nem sujidade*, e que vem d'Homero, atravez de Shakspeare e de Moliere, a deleitosa Cidade, leiga ou lettrada, desviaria da corrente o olho lento, e murmuraria com aquella voz pachorrenta e bonachã que é tão sua: – «O Naturalismo? Está fallando do Naturalismo? Bem sei, é grosseria e sujidade...»

Assim ella é, docemente cabeçuda. O que não impede que se arremesse com voracidade sobre todas essas *Nanas*, esses *Pot-Bouilles*, brochados d'amarello, que declarou grosseiros e sujos! E a ponto que não tolera, e deixa cobrirem-se de bolor nas livrarias, os biscoitos inoffensivos que os mestres lhes cozinham com a pura farinha do Idealismo. Não lhes péga! Quer lôdo, o lôdo, que ella condemna nas salas, decotada e austera.

PREFACIO

De tal sorte que assistimos a esta cousa pavorosa. Os discipulos do Idealismo, para não serem de todo esquecidos, agacham-se melancolicamente e, com lagrimas represas, besuntam-se tambem de lôdo! Sim, amigo, estes homens puros, vestidos de linho puro, que tão indignadamente nos arguiram de chafurdarmos n'um lameiro, veem agora pé ante pé enlabusar-se com a nossa lama! Depois erguendo bem alto as capas dos seus livros, onde escreveram em grossas letras este lettreiro - *romance realista* -, parece dizerem ao Publico, com um sorriso triste na face mascarrada: - «Olhem tambem para nós, leiam-nos tambem a nós...Acreditem que tambem somos muitissimo grosseiros, e que tambem somos muitissimo sujos!»

PREFACIO

Todavia ha ainda n'esta terra espiritos escrupulosos e timidos que, considerando ingenuamente os livros naturalistas como immundicies in-8.º, os repellem com um desdem que é pueril e sincero, comico, mas honroso. E para esses se torna necessario ir já gritando pela serra acima – que o teu livro, apesar de acompanhado por um d'esses esgaravadores de Verdades que fossam nos monturos humanos, longe de ser um dos fructos podres que ama o Naturalismo é uma flor bem viçosa, bem graciosa, bem aromatica! Mas preciso tambem dizer aos espiritos mais numerosos, e superiores, que detestam flores de papel – que o Naturalismo acceita a tua flor como sua, por ser natural, forte de seiva, com seguras raizes no solo da Natureza.

PREFACIO

Tu pozeste ao livro amavel o nome de *Azulejos* – nome claro, alegre, lustroso e bem meridional!... Elle exprime, gentilmente, a natureza dos teus contos, que offerecem cada um o desenho vivo e curto d’um bocado da vida real, entrevisto, fixado ligeiramente, na primeira frescura da emoção. De certo te foi suggerido por esses revestimentos d’azulejos que tanto alindam as paredes de conventos, de velhas vivendas de campo, e onde se vêem, dentro d’uma bordadura ingenua de folhagens d’acantho, n’um debuxo azul e nitido, scenas concisas da vida activa – uma caçada com lanças, uma comitiva de fidalgos viajando, barcos á vela descendo um rio, frades em recreio sob as arvores d’uma cerca... Assim, tu traças nos teus *Azulejos* breves esboços da Vida interior e affectiva: é aqui a historia discreta d’uma paixão

PREFACIO

romanesca, d'essas que encheram de lagrimas o começo do seculo, no tempo dos brazões, dos mosteiros e das xacaras; e a ternura singela e absoluta d'uma pobre costureira, rosa meio-murcha d'agua-furtada, que o primeiro sopro da realidade inclemente faz tombar de todo esfolhada: é uma devoção de pae, religiosa e simples, toda perfumada d'essas crenças d'aldeia, que são fumo, como o fumo das lareiras, mas como elle revelam o descanso, a paz intima, a alma aconchegada e contente na sua fé: é a *Guitarra do Braz*, gemendo pelas tabernas a sentimentalidade doentia e viciosa dos bairros de fabricas...E todos estes quadros são *azulejos*, verdadeiramente tratados á maneira dos *azulejos* de louça n'um corredor de mosteiro: não ha n'elles nada de duro, d'opaco, de empastado: são faceis e limpidos: teem a precisão fina e

PREFACIO

graciosa d'um contorno azul sobre um fundo branco.

E o que me agrada no teu livro é esta maneira fugitiva, alada, acariciadora, de pintar as cousas em *azul e branco*. Revelas-te assim um delicado. Sem te ser estranha a essencia da Vida e da Realidade, não parece estar no teu gosto, no teu temperamento talvez, ir revolver-a até ao amago com a curiosidade aspera da paixão. A tua penna roça simplesmente os contornos da Natureza, marcando-os com um traço macio e tenue. Não escava para baixo, onde está a hulha e o ouro. Compreendes bem a utilidade e a belleza de descer até ás sombrias entranhas da Vida, a surprehender a palpitação que tudo determina; mas achas, com razão, mais attractivos em ficar á

PREFACIO

superficie onde os jasmims florescem e cantam os melros.

O filho mais moço do desleixado Augias, que era tambem um artista em faiança, foi o unico a dar o vinho da boa acolhida e applaudir Hercules, quando elle chegou para limpar as pavorosas cavallariças do rei seu pae. Mas apenas o sereno heroe, pondo a um canto a sua clava, partiu a affrontar as seculares immundicies, o filho d'Augias refugiou-se na mais alta torre onde não podesse perceber o sobrehumano trabalho d'Alcides, nem sentisse os cheiros que d'elle se iam exhalar: e ahi, graciosamente, começou a pintar n'um vaso uma cavallariça, mas toda de jaspe e d'ouro onde estavam presos, fulvos e côm d'aurora, os quatro cavallos de Phebo. Assim tu, comprehendendo a grandesa magnanima de quem

PREFACIO

remexe lôdos e detritos para purificar o ar d'um Reino, achas todavia mais doce ficar a espalhar cores n'um vaso, vendo brilhar por entre os esteios da vinha, o azul do mar da Hellenia. Bem fazes tu! Colhes apenas a flor das cousas que póde ser roxa e melancolica ou amarella e festiva, mas é sempre uma flor; em quanto nós nos dobramos a analysar scientificamente as raizes que são negras, que são feias, e veem sujas da terra rude em que mergulham e sugam.

Para fixar esses bocados de Vida real entrevistos e presentidos tens uma fórmula excellente, toda de naturalidade e de transparencia. Falta-te de certo esse relevo crespo, intensamente lavrado, que em França tanto surpehende e agrada modernamente, e onde se trahe o doloroso esforço do artista, n'uma ancia de originalidade, gemendo

PREFACIO

e empallidecendo sobre o seu buril. Ainda bem! Foi essa fórma franceza (de que os Goncourts lançaram a semente imprudente, e de que os Parnasianos em Prosa e Verso produziram as flores extremas, frias e brilhantes como labores de joalheria) que, desembarcada, n'um dia desastroso, d'um paquete de França, e logo macaqueada sem senso e sem gosto, originou entre nós esses estylos grotescos e insensatos que infestam toda a obra escripta da geração nova desde o relatorio até ao madrigal; estylos disparatados, picaros, relles; elles lembram a incoherencia de quem baralha palavras no tresvariar d'uma febre, e lembram a pelintrice de quem n'uma villa sertaneja, arvóra gravatas de velludo verde-gaio julgando reproduzir «os requintes de Paris»; – e assim dão o horror

PREFACIO

inesperado e arripiador d'uma cousa que é ao mesmo tempo delirante e pulha!

A tua simplicidade, Deus louvado, é fluida e correcta: e possues assim a melhor maneira na arte do Conto, com essa meia tinta, essa aguada limpida, que não empasta e deixa ver até ao fundo diaphanamente.

No Conto tudo precisa ser apontado n'um risco leve e sobrio: das figuras deve-se ver apenas a linha flagrante e definidora que revela e fixa a personalidade; dos sentimentos apenas o que caiba n'um olhar, ou n'uma d'essas palavras que escapa dos labios e traz todo o sêr; da paisagem sómente os longes, n'uma côr unida. Tu em boa hora seguiste fielmente esta Poetica, que é velhissima, que já vem d'Horacio. E isso fórma um encanto dos teus *Azulejos*.

PREFACIO

Mas o encanto maior, para mim, está n'essa vibrante e fina sensibilidade, meia chorosa e meia risonha, que em cada pagina palpita. Tu começas por ter uma emoção triste em presença da vida. Oh, não derramas de certo os prantos obstinados do elegiaco, nem te devasta a desolação do propheta! Bem longe d'isso! A tua é uma melancolia leve, resignada, como a póde sentir quem, tendo um temperamento *sympathico* ás dores humanas, comprehende ao mesmo tempo que ellas são a parte inilludivel, quasi necessaria, d'um mundo em que é delicioso viver. Ora esta fé mundana no encanto da vida mantem desde logo a tua emoção n'um tom justo: impede-a de cahir no *sentimentalismo* e no *sensibilismo*: e é ella que te dá essa ironia, timida e esbatida, mas bem visivel, que parallelamente a uma tristeza doce atravessa os

PREFACIO

teus contos, corrigindo o teu vago enternecimento d'apaixonado com o seu traço de finura critica.

E assim sensibilizado, vibrando sufficientemente para sentir a subtil poesia das cousas; armado d'uma ponta d'ironia para impedir que as tuas creações se te azulem de todo sob a penna, n'um impulso de piedade sentimental, e se tornem romanescas e portanto falsas – tu podeste fazer obra delicada e original, misturando o teu livro de graça poetica e de verdade humana. São os teus contos pois, ainda por este lado, realmente *azulejos*. A côr é azul, e portanto idealisada; mas n'essa idealisação de tom que pertence á imaginação e ao sonho – as figuras, pela exactidão do desenho, permanecem na Realidade e são seguras expressões de Vida.

PREFACIO

Esta maneira de pintar a verdade, levemente esbatida na nevoa dourada e tremula da Phantasia, satisfazendo a necessidade de Idealismo que todos temos nativamente, e ao mesmo tempo a secca curiosidade do Real que nos deram as nossas educações positivas, – parece, de resto, a maneira melhor e mais interessante para quem, como tu, nada mais quer saber nas regiões da Arte do que saber de vez em quando, com senso e com gosto, contar uma historia, imaginada ou lembrada. Doce occupação essa, amigo, a de Contista, nos vagares d’um casto Decameron: n’ella encontrarás um prazer adoravelmente fino e perfeito. A Arte, para os que não se enclausuraram todos n’ella como nos muros d’um mosteiro, poetisa singularmente a existencia. Se ella é na intimidade uma esposaciumenta, absorvente e devoradora – mostra-se,

PREFACIO

áquelles que apenas de longe a longe dão com ella um passeio furtivo nos velhos bosques de louro Delphico, cheia de graças e d'encanto que eleva! Pegar penosamente á rabiça d'um arado de ferro, e il-o empurrando desde a alva ao crepusculo, por uma gleba resequida e empedernida, é labor doloroso e que enche o ar de gemidos: é o labor d'um Flaubert, erguendo heroicamente palavra a palavra o seu monumento, com uma penna rebelde. Mas, n'este mesmo campo, tratar d'um canteiro de rosas, na limpidez da tarde, quando ha frescura e sombra, é cousa repousante e salutar: e o Conto é esta leve flor d'Arte que se cultiva cantando. Distracção que encerra uma educação: passar o dia, longe da Casa Havaneza e das suas pompas, aperfeiçoando uma phrase a buril, recortando uma imagem no tecido alado da Imaginação, colorindo

PREFACIO

de luz e verde um canto de paisagem – é uma alta lição de gosto que ennobrece e afina mais delicadamente todo o sêr.

E depois, amigo, a Arte oferece-nos a unica possibilidade de realizar o mais legitimo desejo da Vida – que é não ser apagada de todo pela Morte. Agora que o Espirito, tendo uma consciencia mais segura do Universo, se recusa a crer na capciosa promessa das Religiões de que elle não acabará inteiramente, e irá ainda, em regiões de azul ou de fogo, continuar a sua existencia pelo extasi ou pela dor – a unica esperança que nos resta de não morrermos absolutamente como as couves é a Fama, essa Immortalidade relativa que só dá a Arte.

PREFACIO

Só a Arte realmente póde dizer aos seus eleitos, com firmeza e certesa – «Tu não morrerás inteiramente: e mesmo amortalhado, mettido entre as taboas d'um caixão, regado d'agua benta, tu poderás continuar por mim a viver. O teu pensamento, manifestação melhor e mais completa da tua vida, permanecerá intacto, sem que contra elle prevaleçam todos os vermes da terra; e ainda que, fixado definitivamente na tua obra, pareça immobilizado n'ella como uma mumia nas suas ligaduras, elle terá todavia o supremo symptoma da Vida, a renovação e o movimento, porque fará vibrar outros pensamenos e atravez das creações d'elles estará perpetuamente creando. Mesmo o teu riso d'um momento reviverá nos risos que for despertando; e as tuas lagrimas não seccarão porque farão correr outras lagrimas. Ficarás para

PREFACIO

sempre vivo, por te misturares perpetuamente á vida dos outros; e as mesmas linhas do teu rosto, o teu traje, os teus modos, não morrerão, constantemente rememorados pela curiosidade das gerações. Assim não desaparecerás nem na tua fórma mortal: e serás d'esses Eternos Viventes, mais eternos que os Deuses, que são os contemporaneos de todas as gerações, e vão sempre marchando no meio da Humanidade que marcha, Espiritos originaes a que se accendem os outros espiritos para que se não apague o fogo perenne da Intelligencia – eguaes a essas quatro ou cinco lampadas que leva a grande Caravana da Mecca, para que a ellas se accendam lareiras e tochas, e a Caravana possa sempre marchar, orando sempre, e segura.»

PREFACIO

E esta promessa, amigo, não é falaz. A arte é tudo porque só ella tem a duração – e tudo o resto é nada! As Sociedades, os imperios são varridos da terra, com os seus costumes, as suas glorias, as suas riquezas; e se não passam da memoria fugidia dos homens, se ainda para elles se voltam piedosamente as curiosidades, é porque d’elles ficou algum vestigio d’Arte, a columna tombada d’um palacio, ou quatro versos n’um pergaminho. As Religiões só sobrevivem pela Arte, porque só ella torna os Deuses verdadeiramente immortaes – dando-lhes fórma. A Divindade só fica absolutamente divina – quando um cinzel de genio a fixa em marmore; inspira então o grande culto intellectual, que é o unico desinteressado e o unico consciente; já nada tem a soffrer do Livre exame; entra na serena região dos Incontestaveis e só então

PREFACIO

deixa de ter atheos. O mais austero catholico é ainda pagão, como se era em Cithera, diante da Venus de Milo. E a Nossa Senhora do Ceu só tem adorações unanimes e louvores sem contestação, quando é o pincel de Murillo que a ergue sob o Orbe, loura e toucada d'estrellas.

A Arte é tudo – tudo o resto é nada. Só um livro é capaz de fazer a eternidade d'um povo. Leonidas ou Pericles não bastariam para que a velha Grecia ainda vivesse, nova e radiosa, nos nossos espiritos: foi-lhe preciso ter Aristophanes e Eschylo. Tudo é ephemero e ouco nas Sociedades – sobre tudo o que n'ellas mais nos deslumbra. Podes-me tu dizer quem foram no tempo de Shakespeare os grandes banqueiros e as formosas mulheres? Onde estão os saccos d'ouro d'elles, e o rolar do seu luxo? Onde estão os claros olhos d'ellas? Onde estão as rosas

PREFACIO

de York que floriram então? Mas Shakspeare está realmente tão vivo como quando, no estreito tablado do *Globe*, elle dependurava a lanterna que devia ser a lua, triste e amorosamente invocada, allumiando o Jardim dos Capuletos. Está vivo d'uma vida melhor, por que o seu Espirito fulge com um sereno e continuo esplendor, sem que o perturbem mais as humilhantes miserias da Carne!

Nada ha mais ruidoso, e que mais vivamente se saracoteie com um brilho de lantejoulas – do que a Politica. Por toda essa antiga Europa Real, se vêem multidões de politiquetes e de politicões, enroflados, emplumados, atordoadores, caquerejando infernalmente, de crista alta. Mas concebes tu a possibilidade que d'aqui a cincoenta annos, quando se estiverem erguendo estatuas a Zola, alguém se lembre dos Ferry, dos

PREFACIO

Clemenceau, dos Canovas, dos Brighth? Podes-me tu dizer quem eram os ministros do imperio em 1856, ha apenas trinta annos, quando Gustave Flaubert escrevia *Madame Bovary*? Para o saber precisas desenterrar e esgaravatar com repugnancia velhos jornaes bolorentos: e achados os nomes nunca verdadeiramente poderás differençar com nitidez o sujeito Baroche do sujeito Troplong: mas de *Madame Bovary* sabes a vida toda, e as paixões e os tedios, e a cadellinha que a seguia, e o vestido que punha quando partia á quinta feira na *Hirondelle* para ir encontrar Leon a Rouen! Bismarck todo-poderoso, que é Chanceller e de ferro, d'aqui a duzentos annos será, sobre a ferrugem que o ha-de cobrir, uma d'essas figuras d'Estado que dormem nos archivos e que pertencem só á erudição historica: Papa Leão XIII,

PREFACIO

tão grande, tão presente que até as creanças lhe sabem de cór o sorriso fino, não será mais, na longa fila dos Papas, que uma vaga tiara com um numero; mas dusetos annos passarão, e mil – e o nome, a figura, a vida de certo homem que não governou nem a Allemanha nem a Christandade estará tão fresca e rebrilhante como hoje na memoria grata dos homens. Por que? Por que um dia, n’uma ilha da Mancha, ao rumor dos mares e dos ventos, elle escreveu alguns centos de versos que se chamam a *Lenda dos Seculos*.

Bem melhor que eu o diz a curta canção:

«De vingt rois que l’on encense

«Le trepas brise l’autel

«Mais Voltaire est immortel!

PREFACIO

Quer isto dizer, amigo, que os teus *Azulejos*, pelo mero facto de não serem um relatorio, hão-de viver tanto como os marmores do Parthenon? Ai de ti! ai de mim! O sol dá luz, existe assim coruscante e redondo ha centenas de seculos, e a Sciencia ainda lhe afiança longos milhares d'annos de esplendor e de gloria no alto dos ceus: mas em nossas casas os phosphoros de cera tambem pertencem á substancia que dá luz, e quando allumiam tremulamente um minuto já lhes gabamos a qualidade, reconhecidos. Os teus contos são flores de Arte, modesta e simples: contenta-te que, como flores elles durem uma manhã de verão. Feliz serás! As minhas obras, essas, não contam mesmo para viver com esse «espaço d'uma manhã» que Malherbe garante ás rosas. Não sei como é: dou-lhes a minha vida toda,

PREFACIO

e ellas nascem mortas; e quando as vejo deante de mim, pasmo que depois de tão duro esforço, depois de tão ardente, laboriosa insuflação d'alma, saia aquella cousa fria, inerte, sem voz, sem palpação, amortalhada n'uma capa de côr!

Mas emfim consolemo-nos, amigo! Póde bem suceder que um dia, mais tarde, um d'esses amadores d'antiguidades que se entretem a revolver o lixo dos tempos, encontre, n'um recanto esquecido de velha livraria, entre o pó e o bolor, amarelado e roído dos vermes, um dos nossos livros, estes teus mesmo *Azulejos* agora tão frescos e lustrosos ao sol. E, por curiosidade archeologica, póde ser que esse paciente excavador das edades sacuda a poeira ao volume caduco, o folheie aqui e além... E quem sabe? Talvez a *Guitarra do Braz*, gemendo

PREFACIO

dolentemente do fundo do passado, o entorneça um momento: talvez respire nos *Aromas Campesinos* o viço e a graça idyllica d'aldeas e varzeas sobre que já então terá rolado, niveladora e despoetisadora, uma nova machina da Civilisação... E lerá o livro todo; e o que tu pensaste fal-o-ha pensar, e sorrirá com o teu sorriso! As tuas creações perpassarão, queixosas ou alegres, com a vida que tinham no teu espirito, por deante da sua lampada – tendo recebido no espirito d'elle uma encarnação fugitiva: e por ellas o teu sêr, disperso na substancia, estará um instante misturado a um sêr vivo, e palpitando na sua vida toda... E quem ousará dizer que isto não é uma resurreição?

Só por isso, amigo, vale a pena que te venhas juntar áquelles que, como dizia Carlyle, são

PREFACIO

«simples fazedores de livros». E se por acaso, nunca tivesse de chegar esse dia do Reviver, – ao menos em vida, achando-te entre «fazedores de livros», estarás na confraternidade d’homens que teem uma nobre occupação na existencia, uma magnifica ambição, generosidade, alegria, calor e entusiasmo. E isto não se encontra em todos os vassallos d’El-rei!

Traze pois o teu livro, uma resma de papel para fazeres outro, e toma o teu logar, seguramente e largamente, n’esta Illustre Companhia.

Bristol, 12 de junho de 1886.

EÇA DE QUEIROZ